

Discurso de Horace Lane sobre a Escola Americana de São Paulo aos pais dos alunos e à sociedade paulista (1889-1912)

Ivanilson Bezerra Silva

Resumo: O artigo analisa o discurso de Horace Lane sobre a Escola Americana de São Paulo dirigido aos pais dos alunos e à sociedade paulista. O objetivo é lançar luz ao pensamento de um educador presente na história da educação brasileira, mas pouco conhecido. Como missionário, diretor da Escola Americana, presidente do Mackenzie College e superintendente da obra educacional do presbiterianismo norte-americano no Brasil, ele utilizou as mais variadas estratégias para tornar o modelo educacional americano conhecido. Para tanto, procurou mostrar que o modelo educacional brasileiro era ultrapassado. As cartas serviram para disseminar suas representações sobre o Brasil, Europa, educação, sociedade brasileira e religião.

Palavras-chave: Horace Lane. Educação norte-americana. Religião.

Horace Lane's speech about the American School of Sao Paulo to parents and society Sao Paulo (1889-1912)

Abstract: This article analyzes the discourse of Horace Lane on the American School of Sao Paulo directed to parents and to the São Paulo society. The goal is to shed light to the thought of this one educator in the history of Brazilian education, but little known. As a missionary, director of the American School, president of Mackenzie College and superintendent of educational work of American Presbyterianism in Brazil, it has used various strategies to make known American educational model. To do so, he sought to show that the Brazilian educational model was outdated. The letters served to disseminate their representations about Brazil, Europe, education, Brazilian society and religion.

Keywords: Horace Lane. American education. Religion.

1 Introdução

Horace Lane é uma figura mitificada do nosso passado; muito citado, porém pouco conhecido. Aspectos biográficos de Horace Manley Lane enfatizam que era um norte-americano nascido em Readfield, no Estado de Maine, em 29 de julho de 1837, e que cresceu no estado de Massachusetts. Descendente de militares, era o segundo filho dentre os setes que nasceram do casamento de Rufus King Lane e Lecta Davis. Tinha, ainda, mais sete irmãos, oriundos do primeiro casamento de seu pai com Ann Vance, falecida em 1828 (GOLDMAN, 1972). Segundo seu diário, embarcou para o Brasil a 21 de novembro de 1858 (LANE, 1858). Em sua chegada ao Brasil, desenvolveu inicialmente a atividade de professor no Colégio João Kopke no Rio de Janeiro e nos Colégios da Glória e dos Beneditinos em São Paulo. Regressou aos Estados Unidos em 1862, casou-se no ano seguinte, em Worcester, com Ellen Marie Williams, voltando para o Brasil no mesmo ano (GOLDMAN, 1972; MATOS, 2004).

No Brasil, nesta segunda vinda, tornou-se negociante, especializando-se na venda de implementos agrícolas (arados, enxadas e outros) e de sementes. Em 1870 viajou para a Europa. Em 1872, iniciou os seus estudos em medicina na Universidade do Missouri, onde obteve o diploma em 1878¹. A convite do Rev. George Whitehill Chamberlain, assumiu a direção da Escola Americana de São Paulo em 1885, permanecendo até 1912, ano de sua morte.

A historiografia acentua que durante sua gestão, a Escola Americana de São Paulo organizada em 1870 pela missionária Mary Ann Annesley Chamberlain e por seu marido Rev. George W. Chamberlain, experimentou considerável expansão nos seus diversos níveis, inclusive crescimento numérico, reestruturação pedagógica e educacional (HILSDORF, 1977; MENDES, 2007; SILVA, 2015). Lane foi o principal articulador do Mackenzie College, primeira instituição particular de Ensino Superior no Brasil. Como diretor da Escola Americana, foi nomeado o

¹ Segundo Matos (2004), Lane formou-se em medicina em 1876 e passou a clinicar em Smithfield, uma pequena cidade no Condado de Jasper. Como podemos ver, há divergências em relação ao ano de formação em medicina. Como existe também divergência sobre o ano de sua chegada ao Brasil. Em relação a sua chegada ao Brasil, optei por seguir as informações obtidas no Diário de Horace Lane e nas análises de Frank Goldman. Outro problema encontrado está relacionado à época em que Horace Lane assumiu a direção da Escola Americana. Segundo o Prospecto da Escola Americana de São Paulo, ele aparece como diretor em 1885 (PROSPECTO DA ESCOLA AMERICANA, 1885). Ainda sobre sua formação acadêmica, Atique pontua que uma das pistas deixadas por um dos filhos de Horace Lane, Lauriston Job Lane, está no livro de formatura em Medicina, onde ele colocou uma anotação sobre seu pai, entre parênteses, ao lado do nome de Horace Lane, além do título de médico, encontram-se os títulos de doutor em Laws e doutor em Filosofia. Atique pontua que não há informações sobre em quais instituições teriam adquiridos os títulos e nem os respectivos anos de formação (ATIQUE, 2007).

primeiro presidente do Mackenzie College, missionário e superintendente da obra educacional da South Brasil Mission².

1.1 As cartas aos pais dos alunos

Como diretor da Escola Americana de São Paulo e primeiro presidente do Mackenzie College, Horace Lane tinha a estratégia³ de escrever cartas aos pais dos alunos. Estas cartas eram anexadas em seus relatórios anuais encaminhados aos Curadores⁴ norte-americanos. Qual era a finalidade de Horace Lane escrever aos pais dos alunos que tinham seus filhos matriculados na Escola Americana? Primeiramente, podemos aceitar a sugestão do próprio Lane, que dizia que se tratava de cartas que serviam de resistência ao catolicismo (ANNUAL REPORT BOARD OF MISSIONS, 1906, p. 379). Seria de fato isso? Essa fala de Lane direcionada aos Curadores não parece convincente. Em momento algum nas cartas há uma hostilidade direta ao catolicismo. A menos que a exaltação que ele faz ao modelo pedagógico da Escola Americana esconda indiretamente uma crítica à prática educacional católica.

Porém, pode-se pensar ainda que elas seriam uma forma de relatório em que Lane procurava colocar os pais a par do andamento das questões relacionadas à escola, como período de férias, matrículas e a proposta educacional. Porém, se considerarmos o contexto das lutas de

² A Missão do Brasil (Brazil Mission), da Igreja Presbiteriana do Norte (Board de Nova York), dividiu-se em Central Brazil Mission (Missão Central), abrangendo Bahia, Sergipe e norte de Minas Gerais, e South Brazil Mission (Missão Sul), com obreiros no Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Horace Lane pertencia à Missão Sul (South Brazil Mission). A Igreja do Sul (Comitê de Nashville) dividiu-se em Missão Norte, atuando no Nordeste e Norte do Brasil, e Missão Sul, com obreiros também em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Portanto, existiam duas missões do Sul, uma de Nova York (South Brazil Mission) e outra de Nashville (Southern Brazil Mission).

³ Utilizamos o conceito de estratégia a partir da definição de Certeau. Para este, estratégia é o cálculo ou a manipulação de relações de força que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de vontade ou poder é isolável e tem um lugar de poder ou de saber. A estratégia postula um lugar próprio, susceptível de ser circunscrito e de ser a base de uma distinção frente a uma exterioridade. A estratégia é definida pela posse de um lugar próprio. A estratégia supõe uma prática ótica ou panótica de previsão ou de visão do passado. A estratégia é, então, em essência, definida pela posse de um lugar “próprio” (CERTEAU, 1994; 1995).

⁴ Em 1890, a Igreja Presbiteriana do Norte, criou a Junta de Curadores do Mackenzie College (Board of Trustees of Mackenzie College at São Paulo) com sede em Nova York e jurisdição administrativa, financeira e patrimonial sobre a unidade de São Paulo. Segundo Mendes (2007), essa entidade impôs-se como polo deliberativo superior ao qual subordinou, de direito e de fato, por longas décadas, a direção local do Mackenzie – título que compreendia a Escola Americana e o Mackenzie College.

representações educacionais que já estavam em plena efervescência no campo presbiteriano⁵, pode-se pensar que tais cartas serviram também, em determinado momento, como estratégia de Lane para garantir que os alunos permanecessem matriculados, e atrair mais alunos à escola.

Por outro lado, as cartas também nos ajudam a entender as estratégias utilizadas por Lane de colocar sua proposta educacional em circulação. Assim, defendemos também que as cartas legitimavam a representação de Lane como diretor da Escola Americana, demarcando seu espaço de poder, visão educacional e suas práticas culturais. Elas nos ajudam a entender como Lane constrói as representações acerca da Escola Americana de São Paulo e como ele a apresenta aos pais e leitores de suas cartas.

As cartas levantadas são de 1889-1899 e de 1907-1912 e se encontram no acervo histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Há uma lacuna entre as cartas de 1900-1906. As cartas de 1889-1899 estão em português. As de 1907-1912 estão em inglês, e foram anexadas aos relatórios encaminhados aos Curadores⁶. Algumas delas foram publicadas em jornais (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 6 dez. 1889). Parece-nos que tais cartas tinham como objetivo alcançar o público em geral, sendo uma estratégia de captação de novos alunos, e de dar maior visibilidade ao empreendimento educacional de Horace Lane⁷.

Tais fontes foram analisadas a partir da ideia de que não são uma produção inocente. Foram tratadas como uma construção intencional. Elas refletem os discursos dos seus principais protagonistas e como tal construíram uma representação de si e da sociedade da sua época. Tais representações são vistas como práticas culturais (CHARTIER, 2002). Os discursos não são neutros, impõem uma autoridade em detrimento de outras, por eles desprezados. Tais práticas legitimam uma visão de mundo.

⁵ Segundo Silva (2015), o campo presbiteriano desde a nomeação de Horace Lane como diretor da Escola Americana enfrentou disputas internas. Líderes defendiam a evangelização direta, sem o uso da educação como forma de evangelização. Lane e outros, eram partidários da utilização da educação, como forma de evangelização indireta. Porém, não estava somente em disputas as perspectivas educacionais, mas também, o domínio do campo educacional presbiteriano. Um líder que se opôs a Lane, foi o pastor e intelectual Eduardo Carlos Pereira. Era uma pessoa de acentuado capital cultural que tinha credenciais para comandar a obra educacional protestante no Brasil, porém, os presbiterianos norte-americanos nomearam Horace Lane. Sua nomeação trouxe muitas lutas no campo religioso e educacional presbiteriano.

⁶ Não encontramos nenhuma carta dirigida aos pais dos alunos entre a documentação adquirida dos Estados Unidos da Presbyterian Historical Society.

⁷ Além das cartas, Lane confeccionou durante sua gestão os Prospectos da Escola Americana. Tais prospectos também serviram como estratégia para dar maior visibilidade à escola, atrair mais alunos e reforçar as representações da proposta educacional de Lane no campo educacional paulista.

1.2 A Escola Americana de São Paulo nas cartas aos pais dos alunos

Lane inicia a carta de 1889 falando do encerramento daquele ano. O período de férias seria até 27 de janeiro de 1890 e a matrícula para admissão de novos alunos seria aberta em 20 de janeiro. Como diretor, seu expediente nesse período seria das 10 horas da manhã até as 15 horas da tarde. Segundo as suas palavras, a escola era uma extensão da família e o papel do diretor e professores era exercer apenas autoridade, em casos especiais. Faz questão de mostrar aos pais que a Escola Americana tinha prosperado em todos os aspectos, desde o número de matrículas, produção de material didático, elaboração de novas modalidades educacionais e formação de professores.

Lane mostra aos pais dos alunos aquilo que realizava do ponto de vista pedagógico na Escola Americana, com o objetivo de convencê-los de que a instituição sob sua responsabilidade se configurava no campo educacional como uma das melhores opções para se estudar (LANE, 1889). Isto fica claro ao fazermos o cruzamento das fontes. Nos relatórios aos Curadores, Lane (1907) faz um diagnóstico da educação brasileira, tanto no Império como na República, mostrando que com o novo regime ainda se mantinha resquício do antigo regime da educação brasileira. Diante disso, a educação presbiteriana era a mais adequada para “redimir” o Brasil, tornando-a uma “verdadeira República” (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1907).

Na carta aos pais, Lane afirma que o aluno era o fator principal da sua proposta pedagógica. E para a execução dos planos pedagógicos em andamento, tinha uma classe normal dentro da Escola Americana, com o objetivo de preparar os professores para o magistério. Uma das questões importantes para o nosso trabalho é que Lane não formava professoras para atender apenas a Escola Americana de São Paulo, mas também, as suas filiais que estavam em conexão com a sua rede de escolas (SILVA, 2015).

Lane acentua que as práticas pedagógicas da Escola Americana estavam fulcradas no método intuitivo. Segundo Hilsdorf (1977), tais práticas eram oriundas das ideias de Pestalozzi e Herbart. A autora, comentando o uso do método intuitivo no Brasil, afirma que:

O ensino concebido nesses moldes, sob a denominação de “intuitivo”, era olhado como natural, científico, positivo, satisfazendo pois as necessidades que vinham sendo expressas pelas vanguardas paulistas de um novo tipo de ensino adequado à era republicana. A “prática do método intuitivo”, que recebia o nome genérico de “lições de coisas”, tinha sido prevista pela legislação escolar do Império. A reforma de Leôncio de Carvalho, pelo Decreto n° 7247, de 19 de abril de 1879, previa para o município da

Corte, no seu art. 4, aulas de —noções de coisas para o ensino das escolas de 1º grau, e no art. 9, parágrafo 1º, que se referia às matérias a serem ministradas nas escolas normais, a “prática do ensino intuitivo ou lições de coisas” (1977, p. 179).

Porém, segundo a autora, seriam necessárias as reformas republicanas da década de 90 para que o ensino intuitivo alcançasse, além dos particulares, as escolas públicas de São Paulo. Para ela, o ponto de partida desse processo foi originado nas escolas protestantes americanas paulistas (HILSDORF, 1977).

Para Lane, frequentar a Escola Americana de São Paulo era a garantia de uma formação liberal, atualizada e que tinha os mais avançados métodos pedagógicos da época. Significava ter contato com aquilo que era de mais moderno do ponto de vista educacional. Estudar na sua escola era uma garantia de aprendizado moderno e neste sentido de prestígio no campo social e educacional paulista. A proposta pedagógica de Lane também contemplava o trabalho manual, de acordo com o que estava ocorrendo nos Estados Unidos (LANE, 1889). Havia na escola, o trabalho manual para as meninas (artes domésticas: costura, bordado, crochê) e para os meninos (trabalhos em madeira). Para Lane, os trabalhos manuais eram valorizados pelos aspectos educativos e não industriais (LANE, 1889).

Na carta de 1890, Lane menciona que a escola prosperou. O número de alunos matriculados passou de 393 para 447 alunos. No ano anterior, havia dito que recusava matrículas por causa da falta de espaço. Ele afirma a mesma coisa em 1890, porém, como podemos observar, houve a inserção de mais alunos. Pelos prospectos e pelas cartas, podemos observar que o número vai sempre aumentar. Nas cartas aos pais temos a seguinte evolução do número de alunos matriculados: 1892 (513 alunos), 1893 (484 alunos), 1894 (493 alunos), 1895 (501 alunos), 1896 (501 alunos), 1897 (528 alunos), 1898 (522 alunos), 1899 (546 alunos). Nos relatórios de Lane aos Curadores a partir de 1907, temos a seguinte quantidade de alunos: 1907 (695 alunos), 1908 (797 alunos), 1909 (823 alunos), 1910 (827 alunos), 1911 (906 alunos), 1912 (923 alunos) e 1913 (987 alunos). Mesmo após a morte de Horace Lane em 1912, o número de matriculados continua crescendo. A maioria dos alunos matriculados eram brasileiros o que comprova a boa aceitação daquela instituição na sociedade paulista. Na Escola Americana de São Paulo o número de alunos do sexo masculino matriculados era maior do que o do sexo feminino (LAGUNA, 1999). Na execução dos seus planos e na coordenação dos cursos, Lane dizia que nunca perdia de vista o que julgava ser o objetivo da escola, a instrução dos pequenos como um meio e não um fim (LANE, 1890).

Em 1892, Lane pontua quase o mesmo conteúdo da carta de 1890. Menciona o esforço que estava sendo realizado em relação à adaptação dos métodos de ensino à realidade brasileira, mostra o número de alunos matriculados, o que era feito nas modalidades educacionais, e outros assuntos. Porém, de diferente, coloca o seguinte conteúdo:

Como é geralmente sabido, a Escola Americana não tem fins comerciais. Qual então o móvel? Cremos que nos é lícito, aspirar, dentro os limites das nossas forças, colaborando na educação da mocidade sem outro motivo, senão elevá-la, e assim contribuir para o engrandecimento do país. A Escola Americana quer ser Americana no sentido mais lato da palavra. Sonhamos em criar, no decorrer do tempo, um estabelecimento completo em todas as suas partes, para ambos os sexos. Não uma imitação servil das Escolas da América do Norte – mas uma adaptação do que há de melhor nelas, de acordo com a índole do povo, das melhores tradições da sociedade, das instituições políticas e necessidades econômicas desta América. Quer na elaboração de um plano para uma instituição só, quer de um sistema de Escolas. A velha Europa pouco pôde contribuir. A fonte de onde podemos imitar é a soma das experiências feitas na elaboração do grande sistema de Escolas da outra América, as fases diversas pelas quais passaram para chegar ao grau de aperfeiçoamento que alcançaram nestes últimos anos, suas condições políticas e sociais, que são até certo ponto análogas às daqui. Será uma utopia o que visamos? Um sonho apenas? O futuro dirá. Continuaremos no entanto em busca do nosso ideal (LANE, 1892).

Para colocar em prática seu objetivo de elaborar as adaptações necessárias do método intuitivo à realidade brasileira, a carta aos pais menciona que a Escola Americana contava com um corpo docente inteiramente dedicado aos altos interesses da educação e com a simpatia e solidariedade dos pais. Por outro lado, seu intuito era oferecer à juventude uma educação sólida, conhecimento completo e prático (PERKINS, 1893). A carta de 1893 é a única que não é assinada por Lane. Nesse ano, Perkins foi o diretor interino. Tudo indica que Lane estava na Europa. Ele ficou durante um ano fora do Brasil e, na carta de 1894, faz um esboço das suas observações de viagens:

De volta de uma viagem de mais um ano – em busca de luzes que nos habilitassem a melhor desempenhar a nossa missão, fazendo um estudo comparativo da organização escolar, do material e dos resultados práticos dos métodos de ensino de outros países, tomamos a liberdade de fazer aqui um breve resumo das nossas observações. Na Europa achamos, na organização do ensino popular, muito pouco que possa, com proveito, ser transplataado para o Brasil, quer nos métodos quer no objetivo. Nos países onde existem a melhor organização escolar, o resultado corresponde exatamente aos desejos dos respectivos governos, - fazer cidadãos adaptáveis ao complicado mecanismo dos sistemas antigos, criando um espírito de sujeição e subordinação tão severo que chega a ser quase servil. Nos outros países, onde a organização parece teoricamente boa, o produto não é o que ideamos para um país livre. Países que têm 75% a 85% de analfabetos não podem oferecer exemplo nem fornecer material à República, que procura educar todo o povo; nem se pode tomar emprestado muitas ideias de países onde os governos ainda conservam o sistema quase paternal para com o povo, por melhores

que sejam os métodos de ensino ou a confecção dos cursos, por mais adiantada que seja a classe superior e por mais fina que seja a civilização das grandes cidades. Para o Brazil, onde se procura moldar a nova geração ao novo regime de liberdade, dando a todos a oportunidade de desenvolver a inteligência, ilustrar o espírito, inspirar-se em sentimentos de patriotismo, criando assim no povo um profundo porém inteligente respeito às leis e às autoridades constituídas, enfim, onde se procura formar cidadãos honestos, ordeiros, com independência de caráter e consciência de sua responsabilidade individual, pelo bem estar geral, como partes integrantes de uma nação livre, - homens e mulheres “teementes a Deus e amantes da liberdade”, - a velha Europa não pode fornecer o molde para o ensino popular (LANE, 1894).

Para Lane, a Europa não era o modelo para se imitar em relação ao ensino popular, em razão do estado servil em que muitos países colocavam seus homens e mulheres. Será que de fato, a educação na Europa refletia as análises feitas por Lane? Será que o modelo pedagógico proposto por ele também não gerava pessoas subservientes ao Estado republicano? Para ele, o modelo norte-americano a ser adotado no Brasil era o único que garantiria a sua liberdade, a formação de homens honestos, ordeiros, independentes de caráter e conscientes da sua responsabilidade individual em relação à nação. Como diretor, ele sabia articular seu discurso com as representações que o modelo pedagógico norte-americano proporcionou nos círculos republicanos e progressistas de São Paulo.

Em 1895, Lane relembra que a Escola Americana completava nesse ano um quarto de século de existência. Agradece aos pais e amigos pela prosperidade, sempre crescente, e pela confiança. Relembra que a segunda geração de jovens, filhos de ex-alunos, começaram a ser educada por sua escola. Afirma que ao longo do apostolado nunca sacrificou os altos interesses da educação a fins comerciais e sempre lutou contra as dificuldades para elevar o ensino e proteger os interesses da mocidade (LANE, 1895).

Lane era uma pessoa de prestígio nos espaços sociais paulistas, dado seu relacionamento com vários republicanos que faziam parte dos grupos elitizados. Faz questão de mostrar que os 3980 alunos que passaram pela escola nos últimos dez anos, justamente, período da sua atuação como diretor, eram testemunhas dos bons resultados da escola. No aspecto educacional, levava ao desenvolvimento físico, intelectual e moral. Sobre o desenvolvimento físico, afirmava que há seis anos havia adotado o sistema de trabalho manual, cuidadosamente graduado em aulas especiais. Essa parte da escola moderna era utilizada nos países cultos e era de incontável valor educativo, quando organizada cientificamente com o fim de alargar a base da educação, desenvolver o corpo fisiologicamente e ao mesmo tempo educar os sentidos e adestrar a mão, cultivar o juízo e dar

ensejo ao aluno de apreciar praticamente as qualidades, dimensões e propriedades das cousas que entram na vida diária, e não com o fim de ensinar um ofício ou substituir a ginástica.

Sobre o desenvolvimento intelectual, Lane acentua que seguia o sistema Americano, tanto nos cursos e na filosofia pedagógica de Pestalozzi, Froebel e Herbart, aplicada largamente na América do Norte, com intuítos cívicos, sociais e morais. A finalidade era disciplinar toda a inteligência, habilitando o aluno a “poder saber” e não a cultivar a memória somente, carregando-a de fórmulas estéreis e de conhecimentos desconexos. O aprendizado era “calculado”, não pelo o que o aluno podia “INGERIR”, mas pelo que podia “DIGERIR e ASSIMILAR” (LANE, 1895).

Para ele, a educação subjetiva não satisfazia as exigências da civilização moderna; “se não cultivamos, com o entusiasmo dos outros tempos, a oratória, a retórica e o lado cerimonial da vida escolar, é porque achamos estas cousas já bastante desenvolvidas e procuramos equilibrar as forças cultivando o “ RES NON VERBA”, isto é, o lado objetivo e prático (LANE, 1895). Sua escola tinha o objetivo ensinar o conhecimento do mundo e proporcionar as atividades necessárias para habilitar o aluno a enfrentar, do melhor modo, as responsabilidades da vida prática, ou seja, desempenhar um papel na sociedade, satisfazer as exigências industriais, sociais, políticas, morais e religiosas (LANE, 1895).

Em relação à moral, Lane (1895) afirma que nunca escondeu as convicções:

Nunca fizemos segredo das nossas convicções a este respeito e são elas tão profundamente arraigadas que não podem deixar de influir em toda a direção da escola. Se a sociedade tem obrigação de oferecer, e a criança o direito de receber certa cópia de conhecimentos e certas disciplinas das faculdades intelectuais que a protejam contra os males da ignorância, quanto mais tem ela ao cultivo das faculdades morais para se livrar dos vícios, proteger a sociedade contra os males piores do que os da ignorância, e habilitar-se a desempenhar. *Honestamente*, as funções de cidadão. Não consideramos a moral matéria escolar como a aritmética, a geografia, que se ensina destacadamente, com fórmulas fixas, mas sim como um *elemento*, que se deve projetar dentro de todas as matérias e influir em todas as atividades escolares.

Lane vai além, é uma das poucas vezes que ele assume o caráter cristão da sua instituição no discurso dirigido aos pais:

A Escola Americana é, e sempre foi, francamente Cristã. Ninguém jamais teve motivo de se iludir a este respeito. Se não nos temos deixado hipnotizar pelas belezas da filosofia altruísta, nem, - quanto à parte moral, por mais sedutivas que sejam pelo lado intelectual, - pelas teorias dos livres pensadores, talvez seja porque os próprios autores confessam não achar na sociedade moderna, aceitação para suas doutrinas, portanto, enquanto os adeptos destas novas escolas não descobrirem alguma fórmula de vida a que

eles mesmos possam subordinar-se, hão de permitir que continuemos a trilhar a estrada velha, e a buscar as bases éticas do nosso trabalho nas Sagradas Letras e nos mansos e amáveis preceitos do Cristianismo (LANE, 1895).

Em 1896, Lane apresenta aos pais uma visão da educação paulista:

O grande desenvolvimento da instrução pública em São Paulo tem influído beneficemente sobre as escolas particulares, obrigando-as a melhorar os processos e o material; a adaptá-los à educação moderna, e a respeitar os verdadeiros interesses do aluno e da sociedade. A Escola “Modelo” não somente tem despertado novo interesse, e criado mais decidida tendência à moderna educação, mas, ao mesmo tempo, tem estabelecido pontos de comparação, por onde os pais podem avaliar melhor os resultados. O ideal da nova educação parece-nos ser - habilitar cada aluno e aluna a poderem saber e gozar de tudo que é belo, puro, nobre e elevado no mundo, e contribuir o mais possível para a elevação social do povo, e para a prosperidade da pátria. O problema que o educador tem de encarar hoje não diz respeito às poucas centenas de estudantes nos cursos superiores somente, mas aos MILHARES, aos MILHÕES, de meninos e meninas que têm de frequentar as escolas elementares, pois é deles que se formará a nação do povir. A missão da República é, sem dúvida, generalizar e nacionalizar a educação. Um povo livre não deve andar às escuras.

Para Lane, a educação na República tinha como objetivo contribuir para a elevação social do povo e para a prosperidade da pátria. Ela tinha como missão nacionalizar o Brasil, tirar o povo das trevas. Discurso que vinha ao encontro dos ideais dos agentes sociais pertencentes ao campo político republicano. O discurso de Lane representava o próprio discurso dos republicanos em relação à educação (HILSDORF, 1977; CARVALHO, 1989; MONARCHA, 1999; SILVA, 2010). Porém, é válido lembrar que Lane muitas vezes mostrou a superioridade da educação norte-americana e que o Estado de São Paulo em sua reforma educacional recebeu a influência desse modelo. Para o educador e missionário norte-americano, a educação era o meio necessário para o Brasil experimentar a democracia e o progresso. O que significa para ele nacionalizar um país? Se levarmos em consideração a crítica que Lane fazia à educação jesuítica, para ele significava a substituição de um modelo da tradição europeia pelo modelo educacional norte-americano. Nesse sentido, a problemática educacional girava em torno da substituição de um modelo pelo outro.

Nesta linha de pensamento, na carta de 1896, Lane reforça que os métodos de ensino e a organização de escolas da Europa não serviam de modelo para as do Brasil. Na “velha” Europa, as escolas tinham uma organização especial para satisfazer às exigências políticas, sociais e industriais de “velhos” países e que não tinham nenhuma analogia com as do Brasil. Transportar os modelos de ensino europeu seria um desastre à instrução e ao país (LANE, 1896).

Para Warde (2000a), a república norte-americana era considerada por muitos intelectuais brasileiros uma “verdadeira terra prometida”, sem as mazelas da Europa envelhecida e conflituosa. Para eles, o Velho Mundo deixava de ser o modelo que o Brasil deveria imitar se desejasse alcançar o status de civilizado. Entre os meados do século XIX e início do XX, produziu-se a ideia de que os Estados Unidos ofereciam o espelho para a modernidade, através da crença de que estava se concretizando a esperança do “homem novo”, ou seja, o homem necessário à modernidade (WARDE, 2000b). Essa visão circulou no campo educacional através de discursos e ações de políticos, intelectuais e educadores brasileiros, com o objetivo de disseminar a convicção de que a educação era o fator essencial à sobrevivência da nação (CARVALHO, 1998).

Nesse sentido, o discurso de Lane estava em consonância com a mentalidade que circulava entre a elite intelectual e política brasileira. Por outro lado, como norte-americano reforçava através das cartas aos pais a utopia de transformar o Brasil na “terra prometida”. Portanto, seu discurso eivado de intencionalidade também construía a representação de que ele mesmo era um representante da cultura norte-americana. Portanto, desqualificar o modelo europeu e exaltar o modelo americano era uma estratégia de Lane de solidificar sua representação como educador e diretor da Escola Americana, solidificar a escola no campo educacional paulista, fortalecer a hegemonia do grupo político-ideológico que mantinha relações de poder, atrair o interesse da elite à proposta educacional norte-americana ofertada pela sua escola, referendar estrategicamente os ideais republicanos e maçons que viam na educação a possibilidade de transformar a sociedade, fortalecer ainda mais as relações de poder entre os pares republicanos que matriculavam seus filhos na escola americana, aumentar a sua clientela, entre outros.

Na carta de 1897, Lane mantém a mesma linha de pensamento da carta anterior. Entre os assuntos abordados, reforça a tese de que a educação norte-americana é superior à educação europeia e que em viagem aos Estados Unidos observou mudanças significativas nos últimos três anos. Entre as mudanças, acentuou que constantemente eram avaliados os métodos e processos de ensino com o objetivo de eliminar os aspectos negativos e fortalecer os positivos. Reuniam-se periodicamente desde os professores até os presidentes das grandes Universidades com a finalidade de estudarem o melhor meio de educar a mocidade e de evitar o “grande perigo da imigração heterogênea do proletariado europeu” (LANE, 1897).

Lane dizia que o Brasil, “como a outra América”, necessitava de um ensino e de uma direção para a mocidade que fossem simétricas e desenvolvessem uma verdadeira democracia. A “escola ideal” deveria representar a “sociedade ideal”. Para ele, a escola ideal deveria ser o ideal da sociedade sã. A tendência da escola era nacionalizar o ensino, fortalecer o patriotismo, civismo. Ela proporcionaria a todo o cidadão a oportunidade de preparar-se para tomar parte ativa e responsável na vida nacional. “A herança do novo século será a emancipação do povo por meio da escola” (LANE, 1897). Segundo Lane, a relação da escola se dava em quatro dimensões: primeiro, com a família; segundo com a sociedade, terceiro com as instituições políticas, e quarto, com a vida moral e religiosa.

Neste sentido, era preciso educar bem a juventude, porque o destino do Brasil seria forçosamente confiado aos que se sentavam nos bancos escolares; portanto, essa era a “grande responsabilidade do educador” (LANE, 1898). Para ele, a sociedade da época estava inserida num contexto de progresso científico e industrial sem exemplo na história do mundo.

Na carta de 1899, Lane acentua novamente o progresso da sua escola e em meio aos números apresentados durante sua gestão, levanta algumas perguntas: Qual o fim das escolas? Qual o resultado procurado? Quais os meios mais adequados; os processos mais prontos para alcançar esse fim? Terá a escola por fim simplesmente encher, por algum processo, as cabeças dos alunos de conhecimentos formulados com mais ou menos exatidão, a fim de habilitá-los a tirar do mundo as maiores vantagens materiais; um fim puramente comercial e utilitário? Ou terá por fim fazer deles HOMENS retos, desenvolver-lhes as forças morais, intelectuais e físicas, sem deixar atrofiarem-se os sentimentos religiosos e antes robustecê-los, a fim de dar e não tirar ao mundo a maior cópia possível do bem, criar novas fontes de riqueza, adquirir novas forças – enfim, fazer bons cidadãos, fortes, amantes da liberdade, obedientes às leis e tementes a Deus? Segundo Lane, a última hipótese era adotada por ele e pela escola americana. E através dela seria possível construir uma República com homens aptos, livres, capazes de prestarem atenção às coisas sérias da vida e pôr em prática as virtudes cívicas. “Conhecimentos sem caráter constituem um verdadeiro perigo. Os tempos exigem que a ciência seja subordinada à prática do bem” (LANE, 1899).

A respeito do Mackenzie, Lane afirma que estavam em andamento os últimos passos dos cursos superiores, estava em construção um dormitório novo e que estava ampliando as oficinas

de trabalho manual. Em suas palavras: “o aperfeiçoamento dos processos de educação nunca se completa”. Encerra dizendo que na carta de 1900 daria mais informações sobre a organização dos cursos dos seus estabelecimentos educacionais e renovando os agradecimentos pelo apoio dado pelos pais dos alunos.

Na carta de 1907, colocada no relatório encaminhado aos Curadores, Lane novamente mostra um panorama mundial da educação, na mesma linha de pensamento das cartas anteriores, mostrando informações obtidas em suas viagens. Com o objetivo de mostrar aos pais que sua escola representava um modelo educacional moderno, Lane argumenta que até a Europa estava se remodelando e eliminando os anacronismos da educação a fim de se adaptar às exigências da vida moderna. Nessa carta, Lane pontua que o papel do governo do Estado, como guardião da criança, não era paternalista, mas de oferecer oportunidade para que ela desenvolvesse sua melhor potencialidade. Nesse sentido, em sua opinião, competia ao educador diante da sociedade, buscar soluções para os problemas atuais, entre eles, estava a tarefa de encontrar uma correlação justa e lógica entre as matérias a serem ensinadas, a fim de que o aluno pudesse alcançar o melhor e mais harmonioso desenvolvimento. Ele dizia que nos últimos anos, havia entendido melhor as funções psicológicas e históricas da Matemática no desenvolvimento intelectual da cultura. Percebe-se que o discurso de Lane estava em consonância com o ideal liberal, progressista e republicano que defendia a educação como um instrumento capaz de remodelar as pessoas às exigências da vida moderna (CARVALHO, 1989). Para tal empreendimento era preciso substituir a pedagogia de tradição jesuítica e humanista, que privilegiava o estudos dos clássicos da filosofia pelo ensino de caráter científico. Isso possibilitaria a construção do novo homem racional e trabalhador, necessário para o desenvolvimento político e econômico da nação.

Por isso, na carta de 1908, Lane pontua que uma das características da educação moderna era o constante progresso e sem isso corria o risco de estagnar ou morrer. Neste sentido, informa aos pais que a educação americana estava em pleno desenvolvimento e progresso e que ele seguia de perto o sistema na educação, não através de uma cópia servil dos métodos e programas, mas buscando o tipo de organização implantado em todos os Estados da União, da escola pública até Universidades ou Escolas Técnicas. A estratégia de Lane na apropriação do modelo educacional

norte-americano no Brasil era implantar tal modelo na rede pública⁸ de ensino e nas redes de escolas americanas que estava organizando no Brasil⁹.

Lane afirma que a Escola Americana seguia de perto as tendências do pensamento americano com referência à correlação dos estudos, novamente utiliza a Matemática como critério principal de avaliação com o objetivo de mostrar a habilidade do aluno como também o valor relativo das outras disciplinas. Para ele, a Matemática no seu valor na vida prática ajudava o aluno a resolver os conflitos oriundos da fase industrial da vida moderna. Porém, o cultivo dessa disciplina não anulava a importância do aluno no processo educacional. Para ele, o ensino só tinha valor se realmente educasse. Nesse sentido, o Mackenzie College e a Escola Americana empenhavam-se em desenvolver nos alunos o espírito da “verdadeira democracia” em que

[...] o mérito individual seja reconhecido e cada qual contribua tanto quanto possível para o bem geral, aceitando e aperfeiçoando a verdade, demonstrada matemática ou cientificamente, ou seja através da lógica racional, onde quer que ela pudesse aparecer, respeitando, ao mesmo tempo, o sagrado e o incognoscível. O sistema tem como objetivo produzir cidadãos educados, tementes a Deus e amantes da liberdade (LANE, 1908 – tradução nossa).

Isso representava os elementos indispensáveis para a formação de cidadãos na República. Na carta de 1909, Lane inicia falando do 39º aniversário da escola e do 19º aniversário do Mackenzie College. Naquele ano, o número de matriculados foi de 823 estudantes de ambos os sexos. Devido aos métodos pedagógicos adotados por ele, alguns alunos desistiram porque não conseguiram se adaptar ao “regime de completa confiança e grande liberdade”, porém estava agradecido em dizer que a maioria adaptou-se ao sistema e fez progresso encorajador. Em relação ao corpo docente, dizia que estava grato pela profunda devoção ao trabalho.

Em relação aos aspectos do panorama mundial da educação, Lane afirma:

⁸ Segundo Hilsdorf (1977), Lane serviu como consultor da instrução pública paulista e como tal ofereceu ao estado de São Paulo pessoas capacitadas que ajudariam a implantar o método intuitivo.

⁹ Pudemos observar que alguns temas são recorrentes nas cartas aos Pais, tais como: superioridade da educação norte-americana sobre a educação europeia, a contribuição da educação para a modernização do país, a questão de que ele não fazia uma cópia servil do modelo educacional americano, que através da educação era possível fortalecer o civismo e o patriotismo. Uma maneira de expandir o modelo educacional norte-americano foi através da rede de escolas americanas. Segundo Chamon (2005), o sucesso escolar norte-americano estaria não só no dispêndio de elevadas somas financeiras pelo Estado, no decisivo auxílio, apoio e interesse das famílias e da iniciativa particular, mas também na fiscalização do ensino e nas ideias e práticas pedagógicas ousadas e modernas – como instrução feminina e a preferência da mulher para o magistério primário, a coeducação dos sexos, a escola graduada, o método intuitivo e a organização do ensino, o ensino prático e profissional, a superioridade dos prédios e materiais escolares.

Poucas coisas dignas de atenção aconteceram este ano nas grandes associações educacionais na Europa e nos Estados Unidos. Da velha Europa há pouca coisa nova a esperar, os tipos estão fixados e são imutáveis, os filhos seguem os pais e os governos dão às escolas o tipo melhor indicado pela tradição dos pais e pelos partidos políticos dominantes. Na América do Norte é diferente. O rápido progresso e grandes mudanças no meio ambiente exigem constantes mudanças nas escolas públicas para acompanhar o desenvolvimento da sociedade. Cada um dos 50 estados independentes da grande União Americana desenvolve suas escolas de acordo com suas necessidades especiais e atendendo às exigências locais, sabendo que é nas escolas públicas que os elementos heterogêneos, que vêm de todas as partes do mundo, precisam ser remodelados e convertidos em bons cidadãos, dando a eles ideias claras do seu relacionamento com o governo, ensinando-os a governarem a si mesmos, ajudando-os a absorver o espírito de “auto-dependência”, que é característica do povo americano [...]. Nas escolas dos EUA há um esforço para produzir homens e mulheres que sabem apreciar a liberdade em um país livre e que ao mesmo tempo respeitam religiosamente as leis (LANE, 1909 – tradução nossa).

Para Lane, por mais diferente que os sistemas educacionais pudessem parecer nos Estados da União, principalmente em seus interesses materiais, em suas indústrias e na vida social, havia um interesse comum, educar o ser humano completa, intelectual, moral e espiritualmente, preparando-os para ser bons cidadãos, bons homens. E para seguir as renovações educacionais implantadas nos Estados Unidos em relação ao ensino da agricultura e comércio que, de acordo com ele, eram uma demanda prática e utilitária no Brasil, iniciaria no próximo ano o estudo da química industrial com o objetivo de estender os cursos científicos da escola. O curso de agricultura fora adiado por ele em razão da falta de certos elementos necessários¹⁰ para seu bom funcionamento.

Na carta aos pais de 1910, Lane afirma que as atividades educacionais na Europa estavam dirigidas para eliminar elementos ultrapassados nas práticas das escolas públicas do que propriamente para introduzir métodos novos de ensino.

Para ele, não havia na história do mundo registro de uma transformação tão rápida e completa como a que estava ocorrendo naquele período nas duas Américas, a do Norte e a do Sul. Tudo mudava, nada permanecia fixo, no campo da ciência, arte, política, nas relações entre Capital e Trabalho. Enquanto tudo mudava, na sua ótica a educação da juventude permanecia inalterada. “As exigências da sociedade mudavam, os métodos e processos educacionais variavam, porém o ideal continuava o mesmo. Era essencialmente o mesmo do tempo de Xenofanes e Platão”, ou seja, “produzir homens e mulheres de bom caráter, de cultiva

¹⁰ Lane não menciona quais eram esses elementos necessários. Não diz se era a falta de dinheiro, professores, tempo ou qualquer outra circunstância.

inteligência, que procuravam as pegadas para seguirem o caminho, examinando todas as coisas e escolhendo somente o que é bom e que saiba cumprir seus deveres” (LANE, 1910).

Diante das comemorações dos quarentas anos de organização, Lane afirma que desde 1870 a Escola Americana de São Paulo lutou em favor da educação sólida, no estabelecimento de regras de conduta, na divulgação de métodos de ensino seletos, na elaboração de compêndios, na prática de ensinar novos processos educativos e de levantar recursos para apoiar e desenvolver o seu trabalho, sem ser atraído por interesses meramente mercantis. Nos 40 anos, a escola na visão de Horace Lane conseguira realizar um trabalho de grande importância para o Brasil, em vista da situação que se encontrava a educação em 1870¹¹. No ano do seu 40º aniversário, a escola possuía um sistema educacional quase completo e que o sistema foi composto pela adoção e adaptação à realidade brasileira de todos aqueles elementos pertencentes aos sistemas das escolas e universidades da América do Norte, de significativo valor educacional, em termos de eficácia e utilidade. Para ele, os elementos introduzidos e que sempre compuseram o sistema de ensino da Escola Americana, tais como coeducação, trabalho manual, curso normal profissionalizante e com fundamentação pedagógica, Curso Superior de Comércio, correlação lógica dos estudos, atletismo, ética e patriotismo e Jardim de Infância, foram adotados como ramos do estudo regular.

Segundo Lane, o retrospecto dos 40 anos era agradável em relação ao seu trabalho e era inspirador olhar para as escolas públicas do Estado e perceber sua emancipação do sistema arcaico que estava em 1870 e que agora se encontrava na vanguarda do progresso brasileiro. Não havia rival para a escola pública brasileira em toda a República. Dizia aos pais que tinha acompanhado com orgulho a metamorfose pela qual passou a escola no Brasil e que se alegrava de ter contribuído com sua capacidade e oportunidades permitidas.

Diante disso, continuava a buscar o ideal americano, procurando por todos os meios elevar o ensino e permitir que o trabalho do professor em treinar as aspirações daqueles que desejavam aprender, despertando neles o senso de responsabilidade, a fim de que pudessem apreciar suas funções, seus direitos e assim, desenvolver o poder de auto-governo. Encerra dizendo aos pais que faria de tudo para imprimir no trabalho um caráter prático, sem, no entanto,

¹¹ Em momento algum em suas cartas Lane elogia a educação realizada no Brasil por outros agentes educacionais ou outras instituições escolares, a não ser a escola pública paulista. Todo seu discurso gira em torno do empreendimento educacional sob sua responsabilidade.

cair no ultra-utilitarismo, considerado por ele um dos perigos da escola moderna. Para a formação do caráter e para evitar que um conhecimento sem caráter, que constitui um perigo para a sociedade, é necessário buscar em algum lugar uma base sólida de ética. Essa base para Lane era a Escritura Sagrada, através da qual buscava inculcar nos seus alunos os ensinamentos mansos do Nazareno e inculcar no corações e mentes dos estudantes os preceitos simples e puros do cristianismo. Termina falando de suas expectativas para o próximo ano, dizendo que haveria mudanças na distribuição dos alunos nos cursos superiores, que a organização do curso de Agricultura estava sendo novamente adiado e que o curso de Química aplicada começaria regularmente no próximo ano. Além disso, teria novos professores que ajudariam na reorganização dos cursos técnicos.

Em sua última carta, enviada aos pais em 1911, Lane destaca os progressos alcançados pela Escola Americana de São Paulo durante o ano, destacando a matrícula de 906 alunos de ambos os sexos, sendo 475 brasileiros, 163 italianos, 73 portugueses, 53 alemães, 41 americanos, 39 ingleses, 18 franceses e 44 de outras nacionalidades. Em relação às bolsas de estudos, destaca: 574 pagaram integralmente, 159 tiveram descontos nas mensalidades e 173 estudaram gratuitamente. Durante os 27 anos de administração ele contabiliza 14.381 alunos, destacando o alcance do seu trabalho e talvez a influência que tenha realizado na vida desses estudantes. Em relação ao desenvolvimento acadêmico dos estudantes, ele pontua que do ponto de vista geral foi satisfatório, porém destaca que um certo percentual de alunos são lentos no aprendizado e não conseguiram se adaptar ao novo regime educacional. Porém, acentua que eles também foram motivados a desenvolverem o senso de responsabilidade pessoal e o auto-controle. A maioria dos alunos teve desenvolvimento intelectual satisfatório o que era motivo de alegria para Horace Lane.

Lane retorna seu discurso sobre os métodos pedagógicos e o progresso da educação na América do Norte, tecendo críticas à Europa. Para ele, o ano de 1911 foi estéril em relação ao desenvolvimento de métodos pedagógicos. Porém, no Brasil, houve uma verdadeira revolução no ensino secundário e superior devido à promulgação da Lei Orgânica de Ensino. Para ele, foi uma reforma radical e saudável do Ginásio Nacional e estabeleceu um padrão de ensino em todo o país. Tal lei permitiu o estabelecimento de uma relação lógica, com base em princípios pedagógicos, entre os estudos disciplinares e preparatórios e os vários cursos profissionais, proporcionando melhor adaptação para esses cursos. Lane conclui que tais mudanças, em suas

características gerais, eram as mesmas que caracterizavam o sistema americano que ao longo dos anos eram seguidos por ele. Felicita o país por esse passo importante.

Alem disso, conscientiza os pais de que a reforma não traria nenhuma alteração para as suas escolas, porém, ele continuaria na busca do ideal, educando o futuro cidadão. Nesse sentido, seguiria tenazmente os métodos norte-americanos, sem a cópia servil, mas estudando e adaptando às necessidades brasileiras, sem olhar os sacrifícios e evitando o comercialismo e pedantismo estéril. Para Lane: “Estes são os Cila e Caríbdis¹², entre os quais o educador consciente deve navegar”, ou seja, eram as dificuldades mitológicas que o educador deveria evitar. Encerra afirmando que não havia encontrado na literatura pedagógica ou na sua experiência de mais de meio século, qualquer coisa que pudesse induzi-lo a modificar em sua essência a sua opinião sobre a importância da co-educação dos sexos.

Considerações finais

Podemos perceber através de seus discursos aos mais variados círculos sociais que Lane constrói uma história de si pouco trabalhada na historiografia, principalmente, na perspectiva do campo religioso presbiteriano brasileiro. Nos seus discursos dirigidos aos pais, Lane constrói a imagem de um Brasil que necessitava experimentar a “verdadeira república”. Através deles, se posiciona ideologicamente em relação ao contexto político brasileiro, mostrando que através da educação era possível construir um “Brasil Novo”. Para tanto, era preciso disseminar os valores da cultura norte-americana através da educação.

Como educador e defensor do modelo norte-americano divulgou que esse modelo era superior ao praticado pela “Velha Europa”. A divulgação do modelo pedagógico defendido por Lane ganhou adeptos entre os republicanos paulistas, que não somente passaram a divulgar, como também se apropriaram de tal modelo (HILSDORF, 1986, 2009). Para tanto, serviram-se dos conselhos de Horace Lane para a implantação da proposta pedagógica norte-americana nas

¹² Segundo Magalhães (2008), Cila teria sido uma bela moça, mas que foi transformada, por ciúmes, pela feiticeira Circe, num monstro marítimo de seis cabeças. Era imortal e portanto invencível. Caríbdis, por sua vez, era um sorvedouro situado quase ao nível do mar. Três vezes ao dia penetrava numa fenda levando qualquer embarcação que houvesse por perto. Segundo a mitologia eram dois monstros que viviam um perto do outro, de modo que o marinheiro, quando não era pego por um, o era pelo outro. O próprio Ulisses conseguiu evitar a ira de Caríbdis, mas não pode impedir que seis de seus homens fossem devorados por Cila.

escolas públicas paulistas. Para eles, a proposta era a mais moderna e poderia contribuir para a construção de um país mais democrático e modernizado.

Para os pais de alunos, em praticamente todas as cartas, Lane manteve seu discurso de que a proposta pedagógica norte-americana era superior e tinha condições de transformar a situação do Brasil. Através das cartas aos pais, ele procurava convencer os pais dos alunos de que suas instituições escolares praticavam ações pedagógicas modernas e que isso permitiria um melhor aprendizado e uma inserção diferenciada na sociedade. Isso também representava que suas instituições educacionais eram aquilo que mais moderno se tinha em termos de educação. Como defensor da educação como forma de evangelização indireta, Lane subtrai das suas instituições educacionais aspectos ligados à confessionalidade. Porém, no discurso aos Curadores relembra que suas instituições eram uma empresa missionária, não no sentido, proselitista defendido por Eduardo Carlos Pereira e outros pastores e missionários presbiterianos.

Ao fabricar suas representações em torno da educação, ele se solidifica como educador no campo religioso, educacional e político. Mas também produz práticas culturais destinadas a moldar certos padrões sociais naqueles que se apropriavam da sua visão educacional, principalmente, os alunos, professores e republicanos ligados a sua rede de sociabilidade. Não faltaram vozes entre os republicanos que difundiram o modelo educacional norte-americano como o mais avançado e moderno. Para tanto, era preciso mostrar que a educação no período imperial era arcaica, anacrônica, obsoleta, e não proporcionaria a construção de uma sociedade moderna, livre, democrática. Lane coloca suas instituições educacionais no centro do debate sobre a importância da educação para a construção do “Novo Brasil”. Em seu discurso, tanto a Escola Americana como o Mackenzie College representavam instituições modernas que estavam atentas às transformações decorrentes da sociedade. Elas eram, em sua visão, instituições capazes de moldar os jovens, transformando-os em cidadãos livres, bons e democráticos.

Referências

ANNUAL Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbiteryan Church in the United States of America. New York, Philadelphia: Published by the Board, 1906.

ATIQUÉ, F. **Arquitetando a “boa-vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. Tese (Doutorado em História e Fundamentos Sociais em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2007.

CARVALHO, M. M. C. de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, M. M. C. de. A configuração da historiografia nacional brasileira. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 329-353.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: COTIDIANO, CULTURA POPULAR E PLANEJAMENTO URBANO, 1995, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1995.

CHARTIER, R. **A história cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHAMON, C. S. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade**. A trajetória profissional de uma educadora (1864 1914). Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

GOLDMAN, F. P. **Os pioneiros americanos no Brasil (educadores, sacerdotes, covos e reis)**. São Paulo: Pioneira, 1972.

HISLDORF, Maria Lúcia Spedo. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. 1977. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

HISLDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

HISLDORF, Maria Lúcia Spedo. Revisitando a história das escolas americanas na província de São Paulo. In: GILDA, N. M. B. (Org.). **Celso de Rui Beisiegel: professor, administrador e pesquisador**. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 191-205.

LAGUNA, S. **Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo, 1889-1930**. São Paulo: PUCSP, 1999.

LANE, Horace. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees**. 1907. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

LANE, Horace. **Diário**. Arquivo de Fred Lane. 1858.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1889.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1890.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1892.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1894.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1895.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1896.

LANE, Horace. **Escola Americana: carta aos pais**. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1897.

LANE, Horace. **Escola Americana:** carta aos pais. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1898.

LANE, Horace. **Escola Americana:** carta aos pais. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1899.

LANE, Horace. **Escola Americana:** carta aos pais. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1908.

LANE, Horace. **Escola Americana:** carta aos pais. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1909.

LANE, Horace. **Escola Americana:** carta aos pais. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1910.

LANE, Horace. **Escola Americana:** Mackenzie College. São Paulo, 1885-1886. Prospecto. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1885.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dultra. A simbologia da água no imaginário grego. **Morfheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, 2008.

MATOS, A. S. de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDES, Marcel. **Tempos de transição:** a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973). São Paulo: Mackenzie, 2007.

MONARCHA, C. **Escola Normal da Praça:** o lado noturno das luzes. Campinas: UNICAMP, 1999.

PERKINS, F. J. Escola Americana: **Carta aos Pais**. 1893. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 6 dez. 1889.

SILVA, I. B. da. **A cidade, a igreja e a escola:** relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, I. B. da. **A figura de Horace Lane:** lutas de representações e formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885-1912). 2015. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WARDE, M. J. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-43, 2000a.

WARDE, M. J. **Americanismo e educação:** a fabricação do “homem novo”. Projeto de pesquisa PUC/SP-CNPq, 2000b.

Ivanilson Bezerra Silva - Universidade Paulista - Uniesp. São Paulo
| SP | Brasil. Contato: rev.ibs@gmail.com